

# **NEUROPSICOPEDAGOGIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICA E PRÁTICA SOB A ÓTICA DA COMUNICAÇÃO AFETIVA**

**RENATA AGUILAR**

## **INTRODUÇÃO**

Compreender como o aluno aprende e os marcos de desenvolvimento são fundamentais dentro da área acadêmica e clínica. Para o desenvolvimento desta pesquisa adotou o objeto de estudo a Neuropsicopedagogia e suas contribuições para a aprendizagem por meio das habilidades socioemocionais e da comunicação afetiva.

A pesquisa foi desenvolvida no período de dois meses com 40 crianças de 5 e 6 anos de uma creche, localizada na cidade de São Paulo, aprovada pela Plataforma Brasil e pelo comité de ética da Universidad Europea del Atlántico, Espanha.

Objetivou-se demonstrar, analisar e refletir sobre as bases teóricas de neuropsicopedagogia e a sua relação com a afetividade tomando como base os aspectos escolares e analisando as crianças, além de observar a relação do aluno, do professor, como a afetividade, o vínculo entre eles e a análise de atividades que desenvolvam habilidades socioemocionais.

O tema abordado e desenvolvido é de suma importância, pois visa contribuir para uma melhoria na aprendizagem, favorece vínculos entre os professores e alunos, intensifica a socialização entre pares, contribui para o desenvolvimento das habilidades socioemocionais como tomada de decisões e empatia em situações de conflito.

Fonseca (2014), trata que a neuropsicopedagogia revela-nos as habilidades do cérebro, quer dos alunos quer dos professores. Nos alunos, quando se comportam de forma socialmente positiva, e quando aprendem a usar os instrumentos cognitivos (linguagem corporal, artística, falada, escrita e quantitativa) da cultura em que estão inseridos. Nos professores, quando transmitem, mediatizam e ensinam competências e conhecimentos, uma vez que está implícita no ato educativo uma interação entre dois sujeitos, isto é, uma intersubjetividade.

Durante o desenvolvimento da pesquisa problematizou -se: De que maneira é possível melhorar o processo de ensino e aprendizagem das crianças e a socialização entre

os pares? Uma das possíveis soluções foi a aplicação de atividades lúdicas por meio de desenhos, contação de histórias, jogos e brincadeiras, musicalização, dentre outras atividades. Fundamentados nas obras e contribuições de Piaget, Vygotsky, Luria contextualizando com a Base Nacional Comum Curricular dentre demais pesquisadores na área da Psicologia, Pedagogia e Neurociências.

## **DESENVOLVIMENTO**

Foram analisadas duas turmas de 20 alunos cada com professoras diferentes de crianças de 5 e 6 anos, que aqui serão denominadas de turmas A e B. Nas turmas havia 2 (dois) alunos com suspeita de transtorno do espectro autista, 2 (duas) crianças com problemas comportamentais (agressividade verbal e física) e 4 (quatro) crianças com dificuldades de aprendizagem, motoras, memorização, raciocínio lógico e linguagem.

Os encontros iniciaram-se com a pesquisadora contando uma história com a temática: O valor da amizade, de própria autoria, utilizando recursos visuais como bonecos, bichinhos de pelúcia, avental de histórias e fantoches. Nos encontros seguintes, as professoras regentes elaboraram uma aula sobre o conteúdo que estavam desenvolvendo, sem interferência da pesquisadora que observou a participação das crianças, o envolvimento de cada uma e o contato da professora com a turma. Posteriormente, foram realizadas observações das turmas em áreas livres, no parque, na aula de música e no refeitório. Nos encontros finais, a pesquisadora aplicou na turma, de forma coletiva, *o Jogo das Emoções*, elaborado para essa pesquisa e foi possível compreender e estabelecer uma relação entre os contatos anteriores com as emoções registradas por cada criança e o quanto evoluíram na aprendizagem e na socialização. Finalizou-se com uma roda de conversa com os alunos sobre o que realizaram e o que aprenderam desde o primeiro momento.

## **MÉTODOS**

O contato inicial com a instituição se deu primeiramente com a direção e coordenação pedagógica, onde foi explicado como funcionaria a pesquisa e também o fato de a pesquisadora não interferir na rotina das crianças. Todas as etapas foram realizadas dentro do horário letivo e em momentos que as crianças estivessem em atividades do dia a dia.

Ao chegar na sala de aula, as crianças já haviam sido avisadas da presença da pesquisadora que foi recebida com muito entusiasmo por ambas turmas. Após ter sido apresentada, a pesquisadora conversou com a turma e explicou o que iria fazer e mostrou os fantoches, informando que iria contar uma história. Um fato que chamou a atenção, foi as crianças já estarem sabendo e estarem organizadas aguardando a sua chegada. Isto gerou ansiedade em algumas crianças, pois não sabiam o que iria acontecer, como se estivessem num evento muito importante. A priori acreditava-se que este fato pudesse interferir nos resultados, porém não houve mudanças. Neste início, as turmas demonstraram curiosidade, porém não houve manifestação emocional. O que mudou completamente quando a pesquisadora colocou um avental de tecido para contar a história. Reações de alegria e curiosidade estavam presentes. A história relatava a vida de um menino de 6 anos que não tinha amigos, chorava ao ir para a escola. A avó o ajudou a superar a dificuldade contando uma história do elefante que não tinha amigos. Este recurso foi utilizado para verificar o que as crianças pensavam a respeito da amizade e se compreendiam a abstração da mesma e mantiveram o foco antecional.

Segundo Consenza e Guerra (2011), crianças pequenas ainda não possuem esses sistemas amadurecidos e sua atenção é basicamente regulada pelos estímulos periféricos. Aos poucos, vão adquirindo a capacidade de dirigir sua atenção até atingir os níveis encontrados nos adultos. Uma comunicação afetiva entre o professor e o aluno pode ser a válvula propulsora para os problemas de aprendizagem. “É muito importante que os docentes se tornem conscientes das habilidades socioemocionais em muitos sentidos, incluindo o que são e por que são importantes. É preciso que compreendam e utilizem uma taxonomia e linguagem comum com seus estudantes, para que, então, consigam identificar e nomear, em si e nos outros, essas capacidades de modo mais eficiente. (Córdova Alves e Primi, 2020). Aguilar (2021), aborda que quando um professor narra uma história, junto aparece o encantamento e o envolvimento, desde a mudança no tom de voz, ou simplesmente um olhar direcionado para o olhar da criança, isto aproxima. Ao ouvir uma história nossos cérebros se conectam. Há uma conexão entre o emissor e o receptor, a ligação entre a mensagem, o tom de voz e até um gesto.

O fato de contar histórias, aproximou a turma da pesquisadora, sendo que a turma ao final da história, levantou e mexiam nos bonecos, cenários e fantoches. Após a contação da história, as crianças receberam uma folha de sulfite e diversos lápis de cor, no qual registraram as partes que mais gostaram. Na mesa de cada uma havia uma placa com o nome, no qual muitos precisaram consultar este recurso para escrever seu próprio nome. Poucas crianças escreviam seu próprio nome com autonomia, fato que chamou a atenção da pesquisadora pela faixa etária da turma. Segundo a BNCC (2017), as crianças já devem ser autonomia para escrever seu próprio nome por volta dos 5/6 anos.



A figura ao centro representa a avó, que teve o papel fundamental para ajudar o neto. Já a árvore com frutos pode representar que a criança está bem.

Na observação da turma, as professoras realizaram atividades de acordo com o conteúdo programático, e não houve interferência da pesquisadora. Cada professora escolheu a estratégia que julgasse mais apropriada. José e Coelho (1995), reforçam que para aprender a criança precisa estar com dois sistemas funcionando em sua integridade cognitiva e emocional. É fato que um ambiente negligente, agressivo e de violência física ou verbal, dificultam a aprendizagem, reforça a insegurança e pode desenvolver uma baixa autoestima. Conte (2020), relata que “a educação que propomos é aquela em que a criança é produtora de seu conhecimento, não mero receptáculo. Ela é ativa em sua interação com o meio social e constrói e reconstrói o mundo, criando uma relação dialética”

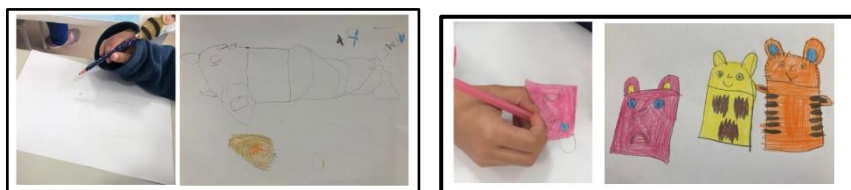
A professora da turma A desenvolveu uma atividade com palitos de sorvete. Cada criança ia até a mesa do professor e deveria reproduzir a imagem que via em um papel. Esta atividade foi feita de forma individual, onde as demais crianças aguardavam sua vez. Depois que todas as crianças reproduziram a sequência mostrada, a professora entregou uma folha com a metade da imagem de um animal para que completassem a imagem, realizassem a simetria. Pelo fato das crianças aguardarem muito tempo sua ida até a mesa, muitas demonstraram inquietude e houve conflitos na sala de aula. A professora da turma B, montou uma árvore com bexigas, sendo que dentro de cada uma havia uma letra, ao estourar as bexigas os alunos deveriam reconhecer a letra e escrever uma palavra que iniciasse com a respectiva letra. Esta atividade também foi feita de forma individual, enquanto uma criança estourava a bexiga as demais aguardavam a sua vez.

As crianças também foram observadas no parque ao ar livre, no qual houve muita alegria da turma e algumas situações de conflitos. Depois foi realizado o *Jogo Das Emoções*, elaborado para o desenvolvimento desse projeto. Cada turma teve aproximadamente 1h para realizar o jogo, não foi imposto uma determinação de horário. Cada criança respondeu no seu próprio ritmo. A pesquisadora e a professora titular acompanharam a aplicação. As perguntas tinham como objetivo situações de tomada de decisão, habilidades socioemocionais como empatia, colaboração, autonomia e argumentação. A cada pergunta, a pesquisadora contextualizava para que estivesse adequada à faixa etária. Contava um pequeno fato para que pudesse ter certeza que tinham compreendido o comando. A professora regente da turma acompanhou a tarefa e auxiliou quando as crianças solicitavam ajuda. Este jogo foi analisado de duas formas: a) Tabulação das respostas de cada turma e comparação com os instrumentos anteriores realizados. b) Interação e compreensão de cada questão. Posteriormente, as crianças foram reunidas em círculo e puderam expor sua opinião sobre cada questão do *Jogo das Emoções*. A pesquisadora retomava cada pergunta e as crianças se manifestaram sobre as possíveis respostas. Este foi um momento, em que as crianças tiveram liberdade de falar e também de ouvir a opinião dos colegas.

## **RESULTADOS**

Diante dos dados obtidos e toda a análise feita, foi possível perceber o quanto a afetividade e as emoções estão presentes em todos os momentos nas crianças. Com as pesquisas realizadas alinhadas com a abordagem empírica é possível compreender que, em sua maioria, as crianças não conseguem ainda controlar suas emoções diante de situações de conflito. Em relação as diferenças das turmas, foi possível perceber que professores mais atentos e mais afetivos constroem relações de maior confiança e vínculo com a turma. O que na turma A as crianças expressaram o que sentem durante toda a instrumentalização do projeto, e suas respectivas ações são condizentes com o que pensam. O que na turma B isto foi mais restrito, havia insegurança da turma durante as ações e medo da punição da professora. Outro fator que chama a atenção, é o fato das duas crianças, uma com diagnóstico de TEA (Transtorno do Espectro Autista) e a outra com suspeita terem muitas dificuldades em compreender e falar sobre as emoções. Reforçando a abordagem feita por Rotta (2016) que na primeira infância o TEA costuma estar associado a prejuízos nas habilidades sociocomunicativas, processamento de contatos faciais e visuais, imitação e comunicação. Além de prejuízos na motricidade, o

que evidenciou na atividade de simetria e no registro da história. Na imagem a seguir, é possível perceber as diferenças na praxia fina das crianças de mesma faixa etária. Ambas as imagens são de crianças com 5 anos, sendo que a imagem da direita possui autismo.



A aprendizagem acontece de forma mais efetiva quando há um destaque para as habilidades socioemocionais, a empatia e o vínculo que as crianças exercem com o professor. As pesquisas mostram o quanto ainda as crianças pequenas não estão com todas as funções executivas formadas, fato que o controle inibitório, importante para eliminar os distratores e focar a atenção em uma determinada atividade foi ponto de destaque nessa pesquisa. Aulas mais dinâmicas, em que as crianças são protagonistas, podem falar e ser ouvidas são pontos que devem ser considerados dentro da escola. Nesse ponto, o papel do neurospicopedagogo pode contribuir tanto na orientação das condutas dos professores quanto uma organização e seleção das atividades a serem aplicadas para as crianças.

Goleman e Senge (2015), relatam a importância de trabalhar com as crianças a Inteligência Emocional nas escolas e que a medida que este trabalho é integrado com as famílias, teremos alunos mais felizes. Assim como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934), o psicólogo Henri Wallon (1879-1962) debruçou estudos sobre a importância da afetividade e defende que há uma integração em três dimensões: motora, cognitiva e afetiva. Wallon mostra que a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. E que a relação do homem com o meio em que vive afeta sua forma de agir, existe uma relação entre a ação e sua interação. Siegel e Bryson (2015), colocam que a união de empatia e percepção pode ter resultado uma visão mental, uma consciência de si mesmo e uma conexão com quem a criança interage. O cérebro é programado para a integração interpessoal, que significa respeitar as diferenças a medida que acontece a interação entre as pessoas. Se num momento que vivemos em 2020 e 2021, com as escolas fechadas e a falta de interação, cabe vários questionamentos de como as interações e as emoções foram prejudicadas. Leo Fraiman no prefácio do livro de Conte (2020), coloca que na situação atual em que vivemos, é importante formar as crianças e os jovens saudáveis, felizes e seguros emocionalmente. E que boa parte do que

eles irão pensar, sentir e agir diante de seus projetos de vida depende da família e da escola, e nunca foi tão importante o cuidado com a saúde mental. Vale destacar também que lidar com uma educação pós-pandêmica e os aspectos emocionais pode ser um precursor para o cognitivo. Estar na sala de aula, ouvir a aula sem participar da mesma, apenas como um agente passivo pode ter influências diretas com os aspectos emocionais.

Durante a execução do *Jogo das Emoções*, muitos pontos importantes foram observados, no qual foi tabulada a resposta de cada turma para cada questão. É importante destacar que para cada pergunta, a pesquisadora fez uma contextualização assegurando que as crianças compreenderam o comando. A pergunta foi feita pela pesquisadora e com apoio da professora regente foi certificado que todas compreenderam o que deveria ser feito. Houve entusiasmo da turma ao receber a folha, pelo fato de ser ilustrada e colorida. Após o preenchimento da atividade proposta, havia duas questões para que as crianças desenhassem e conversassem sobre as mesmas. Abriu-se, com cada turma, para que as crianças pudessem falar e ouvir os demais colegas sobre os assuntos. O *Jogo das Emoções* consiste em oito questões de múltipla escolha, que envolvia situações de conflito e tomada de decisão e duas questões livres, para que as crianças desenhassem sobre o que é o Amor e o que mais deixa triste cada um.

## **CONCLUSÃO**

Conclui-se que faz-se necessário reforçar que a comunicação entre o professor e o aluno deve ser efetiva e afetiva, com um olhar para o tempo disposto para cada atividade. Atividades em que as crianças participam pouco ou têm que aguardar muito tempo para ser realizada, geram ansiedade e, em algumas, geram impulsividade e agressividade. Em meio a tantas estratégias, pode-se concluir que as atividades aplicadas para as crianças da Educação Infantil devem ter objetivos bem estabelecidos, assim como as estratégias utilizadas. Além desse ponto, é perceptível o quanto as histórias e atividades lúdicas geram maior prazer por parte das crianças, e as mesmas sentem-se mais motivadas para realizá-las. Algumas estratégias fornecem mais resultados quando as crianças estão dispostas em círculo do que em fileiras (uma atrás da outra), e quando têm a possibilidade de falar o que sentem. O objetivo geral dessa pesquisa foi atendido, pois demonstrou, analisou e refletiu sobre as bases teóricas de neuropsicopedagogia e a sua relação com a afetividade tomando como base os aspectos escolares e analisando as crianças dessa creche em São Paulo, além de observar a relação do aluno, do professor, como a

afetividade, o vínculo entre eles e a análise de atividades que desenvolvam habilidades socioemocionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguilar, R. (2021). *Neurociência aplicada à educação- 3ª.edição*. Editora Edicon. São Paulo.

Bastos e Alves (2013) *As influências de Vygotsky e Luria à neurociência contemporânea e à compreensão do processo de aprendizagem*. <https://revistas.unifoa.edu.br/praxis/article/view/580> , acesso em 02/11/2021. São Paulo.

Brasil. (2017) Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília.

Conte, S. (2020) *Educando para a vida no pós-pandemia*. Editora NS. São Paulo.

Cosenza, R. M. (2011) *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Córdova Pena, A., Alves, G., & Primi, R. (2020). *Habilidades socioemocionais na educação atual*. Boletim Técnico Do Senac, 46(2). <https://doi.org/10.26849/bts.v46i2.830>

Fonseca, V. (2014). *Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica*. *Revista Psicopedagogia*, 31(96), 236-253. Recuperado em 22 de dezembro de 2021, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862014000300002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000300002&lng=pt&tlng=pt).

José, E.A e Coelho, M.T. (1995) *Problemas de Aprendizagem*. São Paulo. Editora Ática

Luria, A. R 1902-1977. (1992) *A construção da Mente / A.R. Luria ; traduzido por Marcelo Brandão Cipolla*. — São Paulo : ícone

Siegel, D. E Bryson, T. P. (2015) *O cérebro da criança*. Editora nVersos. São Paulo.

Rotta, N. T, Ohlweiler, L. Riesgo, R. (org.) (2016) *Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar* 2. ed. – Porto Alegre : Artmed